

## LITERATURA

# A teimosia em movimento de Cha Dafol



Livro *A Teimosa* acompanha uma viagem de bicicleta pelo Nordeste brasileiro

Amanda Flora  
amandaf@jcrs.com.br

nunca tinha feito uma viagem longa assim. Me veio essa ideia: vou de bicicleta", conta.

A bicicleta, no entanto, não era comum. Construída artesanalmente em bambu por um amigo artesão, foi feita sob medida, com bagageiro do mesmo material e peças reaproveitadas de oficinas comunitárias. A produção atrasou, quase inviabilizou a partida e só ficou pronta dois dias antes do voo para Recife. "Foi tudo muito na insistência. Pensei várias vezes em desistir", lembra Cha.

O nome *A Teimosa* nasce dessa insistência, mas ganha camadas simbólicas ao longo do percurso. O batismo definitivo acontece logo no primeiro pedal da viagem, ao atravessar Brasília Teimosa, bairro de Recife marcado historicamente pela resistência popular frente à especulação do mercado imobiliário. "Passei por um grafite enorme escrito 'Teimosa' e pensei: é esse o nome da bike", conta. "Depois entendi que ela era a protagonista do livro. Achei mais importante centrar simbolicamente na bicicleta do que em mim."

Essa escolha atravessa toda a construção da obra. *A Teimosa* não segue a estrutura tradicional de um diário de viagem: não há datas, nem indicação precisa de ci-

dades ao longo do texto. "Foi uma escolha consciente. Não importa tanto saber exatamente onde eu estou no mapa. Quis uma coisa mais abstrata, mais poética", explica. Os capítulos se organizam a partir dos lugares onde dormiu e dos encontros vividos, enquanto intercapítulos reúnem anedotas, ilustrações, fotografias e mapas rabiscados, muitos deles produzidos ainda durante a viagem.

A escrita veio bem depois, quase um ano após o retorno, já no final de 2022. "Se eu tivesse escrito durante a viagem, teria um livro de 500 páginas, com muita coisa provavelmente chata", avalia. "O filtro da memória foi importante para entender o que realmente precisava ser compartilhado. Às vezes eu passava meses sem escrever nada. Em outras, conseguia escrever todo dia por duas semanas", afirma.

A pandemia aparece na narrativa não como pano de fundo abstrato, mas como uma experiência profundamente desigual, segundo a autora. Ao pedalar por zonas rurais, Cha percebeu realidades muito diferentes daquelas vividas nos centros urbanos. "A pandemia revelou uma grande questão social no Brasil. Tem gente que conseguiu se isolar, mas tem uma gran-

de parte da população que continuou trabalhando e vivendo", observa. "Em muitos lugares, as pessoas abriam a porta da casa para me hospedar. Isso, em outros contextos, seria impensável."

É nesse ambiente que a viagem deixa de ser apenas deslocamento e passa a ser engajamento. O contato com assentamentos rurais e ações camponesas, como o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), ocupa um lugar central na narrativa. Cha já tinha vínculos prévios com a agroecologia e com movimentos sociais no Sul do país, o que facilitou a construção de uma rede de acolhimento ao longo do caminho.

"Cheguei a muitos assentamentos que nem eram do MST, mas que tinham um trabalho incrível de organização popular, produção de alimentos e solidariedade", relata. "Tu chegas na casa do militante, tem comida na mesa. Há um espírito de partilha muito forte."

Aos poucos, o pertencimento foi se construindo. "Comecei a viagem pedalando pelo sertão e terminei sendo parte do movimento", resume, em sintonia com o texto de apresentação assinado por Mariam Pessah. A experiência também desmonta visões estereotipadas sobre o Nordeste. "Eu

tinha aquela imagem do Nordeste seco, sem água. E isso cai por terra muito rápido", afirma. "Existe uma faixa enorme entre o mar e o sertão que é extremamente fértil. A ideia de pobreza ali é construída e conveniente."

No corpo, a travessia deixou marcas. Após o fim da viagem, Cha enfrentou semanas de exaustão física intensa. "Foi só depois que o corpo cobrou. Eu fiquei dias sem conseguir levantar", conta. Ainda assim, a experiência consolidou uma filosofia que atravessa o livro: a ideia de que sempre há uma solução possível. "Na viagem, parar não é uma opção. Tu vai ter que dormir em algum lugar, achar um caminho, resolver."

Ao final, *A Teimosa* se afirma como um convite à revisão de valores. Questiona a lógica da produtividade, da competição e da obsessão por números. "Todo mundo pergunta quantos quilômetros foram. Ninguém pergunta o que a gente viu", observa Cha. Sem idealizar a experiência ou dar um ar de façanha épica a ela, o livro propõe dar mais importância, aos encontros, a escuta do outro e a possibilidade de repensar a forma de viver. E Cha Dafol consegue mostrar o que viu nesse longo trajeto.